

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS



Indígenas de 12 Pueblos que habitan el Brasil ya usan la práctica "ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS" para colaborar con la salvaguarda de sus Patrimonios Culturales Inmateriales.

Esta práctica vive a través de muchos indígenas.

Con la facilitación de Sebastián Gerlic se produjeron 25 libros y contenidos para internet, a continuación algunos ejemplos.

Jacy aê iandé Jacy
mba-e pé moindy iandé taba
Tupã our tym
Isapé iandé taba

Ixé asó sy Jacy
To-uri pitibó
ixé asó xe uby Tupã
pé iandé taba byr

Jacy é nossa lua
Que clareia nossa aldeia
Tupã venha arramiar
Iluminar nossa aldeia

Eu vou pedir a minha mãe Jacy
Que ela venha nos ajudar
Eu vou pedir a meu pai Tupã
Para nossa aldeia se alevantar



[CLIQUE PARA CONOCER EL LIBRO TUPINAMBÁ](#)



Quando a lua está iluminando o Murici ela libera energias positivas para o Murici e aí fica mais fácil pra fazer o remédio e a ferida sarar mais rápido.

A gente faz banhos do Murici.

Antigamente,
os índios
faziam
o fogo
da pedra
e com
o Murici
era mais
fácil
porque
ele
ficava
sequinho
e
acendia
logo.

Leila



[CLIQUE PARA CONOCER EL LIBRO TUPINAMBÁ](#)



Nossa religião é indígena. Nós passamos de pais para filhos, nós seguimos nossos costumes. Nós temos nossa cultura, nosso tratamento através de ervas, de guias, nós curamos com os Praiá, com o Toré, com Deus.

E eu fiz meu segundo grau no Rio de Janeiro, onde meu professor de filosofia falou: "O índio é considerado de menor porque é incapaz, tem a mente de uma criança de sete anos, tem a mente fechada". Nós temos índios advogados, engenheiro agrônomo, com pós-graduação, tem estudante de medicina. Como antigamente os índios foram muito rebaixados, ficaram reprimidos de ensinar nosso idioma, hoje muita coisa está perdida. Antigamente o índio era mais tolo, acreditava nas autoridades. Éramos chamados de feiticeiros, de macumbeiros, de comedores de lagartas, de bicho, de coisa pobre.

Eu sou enfermeiro e cuido deste terreiro, tenho talento, recebo mensagens, faço minhas obrigações e aprendo.

... Tinha uma menina na Tapera que estava doidinha, ia ser internada. Eu falei com a doutora e pedi a ela 15 dias para eu cuidar da menina, dei minha palavra que se não desse certo eu mesmo a levaria. Três dias depois a menina estava curada...

... De outra vez chegou um homem que há três anos visitava médicos e gastava milhões. Diziam que era uma coceira incurável. Ele estava flechado e eu desmanchei, hoje ele é dono de um açougue e está bem.

José Alto



[CLIQUE PARA CONOCER EL LIBRO PANKARARU](#)

O Praiá é o deus da tribo.
Jaguriçá

Nós temos nossa concentração, nossos Encantados de Caruá. Nossos Encantados não vêem o não-índio diferente, qualquer uma pessoa pode chegar e pedir-lhes, se for para o bem, eles ensinam. Também temos alguns lugares onde não podemos levar o branco, como o Poró, mas ele pode tomar o Aluá (caldo de caju), o Decitá ou Garapa (caldo de cana ou água com açúcar). Nós recebemos muito bem a todo mundo, brincamos juntos, comemos juntos. Nós estamos firmes na nossa tradição. Temos várias danças diferentes, muitas que o branco nunca viu.

A Igreja Católica ainda hoje vem para nos forçar a mudar nossa cultura, quando deveria nos indenizar por tudo o que fez e continua fazendo.

Eu agradeço muito aos Tonás de Caruá, a Tupã, por estarmos com essa força de resgatar cada vez mais nossa tradição, isso é muito importante para os índios Pankararu. Nós que buscamos nossos costumes estamos crescendo juntos com os outros povos.

Fernando





Antigamente os índios mantinham facilmente seus costumes, saíam para pescar e caçar e no fim da tarde voltavam para casa e para seus rituais.

Hoje em dia não pode ser mais assim porque não temos mais mato, o índio teve que adquirir outros costumes para sobreviver. Nossas terras estão cheias de posseiros que atrapalham nossa vida. Agora nós praticamos nossos rituais de 15 em 15 dias, em terreiros sagrados, e assim preservamos e passamos os costumes para nossos filhos.

Jaguriçá

Nossos Rituais

A religião dos Índios não tem maldades

E o ritual sempre foi para nós uma coisa importante. Os nossos troncos antepassados, jamais eles teria reconhecimento de uma festa, um forró, um samba, mas sim, o povo todo sempre comemorava aquela dança.

Quando estamos tristes nós dançamos para ficar alegre, se estivermos alegre, nós dançamos para comemorar nossa alegria.

Também hoje nós temos o nosso casamento indígena que nós mesmos realizamos através da nossa dança. Para fazer um casamento, o padre exige que aquele casal que vai se casar seja de maior, porque ele não podia fazer o casamento de menor. Isso nós consideramos um desrespeito à nossa cultura, nossa tradição em relação ao casamento, porque o índio casa cedo. Nesse casamento nós temos a oração, temos o incenso e o cachimbo que é para espantar o mal. Naquele momento as fumaças incensadas, as fumaças cheirosas, com a resina do jatobá, com a resina da "mesca", com o capim de aruanda, com o capim santo, com erva cidreira, entre outras raízes cheirosas misturadas para que seja incensado esse casamento é consagrado, considerando que essa fumaça levou todo o mal. Temos nossas orações e temos também a bebida tradicional, que é uma bebida bem preparada. Ela tem sete *apreparo*. Nós temos o caldo da cana, que a cana é moída para tirar o caldo, nós temos a mandioca, que botamos para *pubar* no caldo da cana juntamente com mel de abelha. Isso vai para dentro de um pote e é enterrado por oito dias, e depois desses



[CLIQUE PARA CONOCER EL LIBRO PATAXÓ HAHAAE](#)

oito dias ele á arrancado, coado. E temos mais quatro *apreparos*, que isso é um segredo que nós temos guardado. Hoje nós Pataxó-Hã-hã-hãe já ocupamos aproximadamente 16 mil hectares de terra aqui na região, e a gente agradece no ritual, porque sem o ritual a gente não conseguiria resistir a tanta pressão. Nossa luta só vai para frente com o nosso ritual. Tem os espíritos que são os protetores da nossa luta, aonde temos visões, recebemos as orientações.

Naílton Pataxó



Uma casca de pau pode curar muito!

Eu não fui na escola. Mas eu fui no colégio selvagem. É na mata onde eu estudo, onde descubro muitas plantas e muitas das suas qualidades. Ninguém me ensinou, só Deus.

Sou analfabeto, mas sei de cura, não foi meus pais que me ensinaram, foi meu próprio pensamento

Não preciso botar um cocar ou um colar para a pessoa saber que eu sou índio. Eu vivo simplesmente e a natureza descobre que eu sou índio. Eu sempre vivo com a natureza, é muito importante para nós. Eu posso entrar na natureza e ter um contato com um pé de árvore, e falar com ele, ele me ouve, daí que pego todas essas energias de cura. Eu tenho ela dentro de mim, eu estou na mata e estou conversando com aquela árvore e colhendo as coisas no ar.

O remédio, a planta medicinal, eu pego com pensamento e com o faro, pesquisando, procurando... pego a planta, tiro ela, trago e preparo. Depois faço um teste comigo mesmo, tomo um pouquinho e descubro para que tipo de doença é.

Para incômodo de mulheres, mocinhas quando estão com seu carregamento de menstruação, quando está descontrolado eu cuido, eu preparo remédio para controlar... às vezes a pessoa está faltando sangue, ou tem o sangue fraco, aí eu tenho remédio para isso. Para quando o pensamento está fora, aperreado, descontrolado, eu tenho um calmante. Tenho remédio para incômodo de pulmão, para vesícula, hemorragia... Problema de garganta, um engasgo, eu curo.

Estou sempre testando e descobrindo mais plantas, já para meu filho eu quero deixar o conhecimento. Eu conheço muitas plantas... É muito difícil eu tomar uma pílula. Na civilização, a maior parte não conhece as plantas, então deixam para lá, eles não entendem que o material pode ser essa casca de pau, mas eu entendo, eu sei e ela cura muito.

Tinha uma mulher que estava para ganhar neném; mas a criança estava em perigo porque estava atravessada, foi ao médico mas nada, então eu cheguei lá, olhei para ela e vi que estava sofrendo. Peguei uma colherzinha de chá, esquentei um pouquinho d'água no fogo, coloquei um pouco de banha de jibóia e dei a ela, depois coloquei as mãos nos dois lados da bariga, toquei um pouco e depois de uma hora a criança nasceu.

Uma criança chorava muito chorou umas 15 noites sem parar, noite e dia chorando. Levaram para o médico, mas a menina ninguém podia compreender. Daí me consultaram, primeiramente pedi forças ao nosso Pai, eu fui para a mata e trouxe o material, e ela chorando... preparei, botei ela nos meus braços e dei uma colherzinha... 15 minutos depois parou e dormiu, a mãe levou para cama e dormiu direto... Hoje esse menino passa correndo aqui pela porta de casa todos os dias.

Eu faço aquilo que eu posso e o que não posso digo logo. Eu gosto de ajudar, nunca cobre, nunca disse é tanto. Tenho trabalhado muito, sempre ajudando. Se vem uma pessoa eu não posso dizer não, senão eu fico com a consciência pesada, eu tenho que colaborar.

João Thyxá



[CLIQUE PARA CONOCER EL LIBRO FULNI-O](#)



O Carir

É um peixe, morar em lo-
cas, ele tem um casco preto cu-
brindo a sua pele, tem esperança
para apoiar-se nas pedras.



posso até afirmar que isso
é uma tradição, porque os nossos
antepassados gostavam de prepara-
lo em um grande eguidar, dai
reunimos todos, como fosse uma
festa, eles comiam o Carir com
a batata cozinhado no lugar
da farinha feita da mandiô-
ca.



Nós gostamos de pescar o
Carir com as mão, mergulhando,
quando pegamos gritamos, por
outros ouvirem, isso para a
gente é uma grande alegria.





Das tanajuras nós tiramos os pés,

as asas, e os dentes, depois botamos água com sal

no fogo até ficar bem sequinhas e depois nós comemos com farinha.

Toikyn



CLIQUE PARA CONOCER EL LIBRO KIRIRI



Durante a reconquista sempre se comia ao meio-dia. Eram duas, três panelas bem grandes. Não sei nem contar quantas pessoas tinha para comer, era todo mundo. Eu botava uns treze quilos de feijão, meio saco de farinha por dia. De boca p'ra comer era 300, 400. Não ficava ninguém com fome. Dava p'ra todo mundo.

Ficávamos atrás do cemitério de Mirandela, logo ali, próximo dos brancos, para fazer pressão. Ali, ninguém dormia, não tinha sossego nem de dia, quando mais à noite.

A gente não tinha lugar certo p'ra cozinhar. Ficou mais certo quando fomos p'ra Mirandela.

Próximo da retomada de Mirandela o povo estava todo unido e muito mais nas horas das refeições.

Eles acabavam de comer, aí sentavam e iam conversar os planos...

Quando terminava, tinha um chazinho de erva do mato. Era de Pau Ferrinho, que é bom para o sangue ficar forte. Eu estava na beira do fogo, mas participava o tempo todo.

A panela estava sempre no fogo. Secava uma panela e já botava outra. Nós não podíamos comprar tempero, não podia ir para lugar nenhum. Era só sal mesmo, quando dava certo, senão era sem.

A gente costumava brincar dizendo que comia feijão com língua. Mas era a própria língua da pessoa, quando era feijão puro.

E o nosso tempero mesmo era pedir a Deus, coragem, firmeza e o pé p'ra frente.

DONA MARIA





CLIQUE PARA CONOCER EL LIBRO PATAXÓ HAHAAE

caçote

Não esconder mais nossa cultura

Não esconder mais nossa cultura

Minha mãe era índia e meu pai não, mas ele veio viver com ela aqui, dentro do mato. Minha mãe vivia bem, agora meu pai passava fome. Até que mãe mostrou as comidas dos índios: buzo assado, barbado (um tipo de macaco) frito, caçote cozido (rã de pequeno porte, perereca)

Tainakó – Nivaldo

Buzo

Faz a TAPIOCA, o BEJÚ, a GOMA SECA.

Só não vai pro forno a goma seca, A CHIMANGA, que é aquela bolachinha que se desmancha na boca. Ela seca no sol.

Pra fazer PUBA a gente bota a mandioca no rio pra apodrecer, de molho. Nossa família faz no rio, mas dá pra fazer numa bacia com água, dentro de casa.

Passa uns sete dias, pra fermentar.

Ela fica molinha e a gente descasca, passa na peneira, ainda com água, e joga dentro de um saco e lava, lava, lava.

Vai coando e coando até tirar aquela massa, que transforma em puba.

Com a PUBA, se faz o mingau, a pamonha.



Pedrisa

PEDRO BRÁZ: De primeiro não tinha essas doenças porque os índios comiam as caças do mato e hoje em dia aparece vários tipos de doenças e os índios estão comendo os mesmos alimentos que os não-índios comem. O índio só podia ser forte porque ele não comia sal. Ele caçava e assava o animal na folha da patioba. Eu mesmo já comi peixe cozido na folha da patioba, na beira do rio. Então, o de comer era da natureza.

Matava uma caça e não tinha nada tóxico. Hoje em dia, até um peixe de represa está tóxico porque se dá aqueles adubos pra ele crescer, aumentar. Já se pega uma galinha com 45 dias de vida!



Só pode ser veneno! Os índios não têm mais aquela substância como era de primeiro. As águas poluídas. É difícil para os índios ter a saúde que os antigos tinham por causa dessas coisas com a natureza... está poluído o mundo todo! Esse negócio de tóxico está no mundo todo. Nós aqui bebemos da fonte limpa. É água da natureza. Não tem nada de poluição.

Cesário Neves Ferreira (70 anos)

Meu pai e minha mãe eram indígenas da etnia Pataxó. Lembro muito bem que, em 1948, toda essa região era coberta pela Mata Atlântica. Hoje esta tudo diferente, as matas sumiram do mapa. Hoje só se vê campo para a criação de boi. Os homens que vieram para aqui acabaram com as nossas florestas da região. Naquele tempo, por volta de 1950, essa região tinha uma diversidade de caça muito grande. Hoje os animais silvestres sumiram todos.

Foi com muita luta que consegui comprar o pedacinho de terra onde vivo. Tive que vender muito coco no Escondido (Itamaraju). Enchíamos os animais de coco e seguíamos viagem para Itamaraju. Estrada? Ainda não existia nesse tempo. Os caçuás furavam devido a muitos tocos que existia pela estrada a fora. Tínhamos que parar a viagem para arremendar os caçuás.

A viagem demorava cinco dias. Tínhamos que encarar chuvas e sol. Roupa para agente usar era difícil naquele tempo. Mais nunca desanimei diante das dificuldades. Casei quando tinha 16 anos. Muitas vezes tínhamos que fazer fogo no meio da casa porque nós não tínhamos cobertura para nos cobrirmos.



Mesmo com todas essas dificuldades a vida era melhor. Hoje a criminalidade está muito grande porque o homem não respeita o outro.

Esperamos que o Governo demarque já as nossas terras. Para que possamos viver em paz. É o que penso.



O QUE NOS CURA

É NOSSA MEDICINA TRADICIONAL

As pessoas aqui na minha aldeia me chamam de CURANDEIRA. É porque eu conheço da medicina tradicional porque meus pais eram índios e usavam as ervas e eu aprendi com o dia-a-dia deles. Hoje eu uso com meus netos. Faço a garrafada e a cocada. A cocada serve para vermes. A garrafada é usada para anemia. Meu esposo só andava doente, meu tio fez uma garrafada para ele e até hoje ele nunca mais sentiu nada, curou mesmo... A folha da jaca é boa para pressão alta.

Aroeira é boa para quem sofre dos rins, do estômago e para qualquer tipo de inflamação por dentro de nós, é boa também como purgante e para coceira e sarna. A rosa dália é boa para o coração. Água da colônia serve para derrame. Aruanda serve para dor de cabeça, dor no peito, febre, gripe. Pode ser tomado o banho dos cachos verdes ou o lambedor... O que nos cura é nossa medicina tradicional. Eu bebo remédio de farmácia, mas o efeito nunca é igual ao remédio natural. Hoje eu passo tudo o que eu sei para meus filhos e netos.



[CLIQUE PARA CONOCER EL LIBRO PATAXÓ](#)

Dona Ilda Neves de Jesus



Eu tenho orgulho que meus antepassados tenham deixado esta origem para nós e já que deixaram vou aproveitar ela até o fim!
E quando eu morrer tenho que deixar para meus filhos, para eles fazerem as coisas também.



Tem gente que tira o espinheiro todinho, eu não, não carece, passo a mão, passo a faca nele e puxo com a mão, nós tiramos a fibra, depois batemos ela bem batidinha para ficar macia e depois a gente faz a corda.

Seu Antônio Procópio



[CLIQUE PARA CONOCER EL LIBRO TRUKÁ](#)





CLIQUE PARA CONOCER EL LIBRO KAR RI-XOCÓ

ARTESANATO

Os artesanatos são as artes que os índios costumam fazer e hoje saem para vender, para ter seu dinheiro. Os artesanatos são coisas que nós fazemos para criar os objetos. Os artesanatos são colar, pulseira, presilha, maraca, chocalho... Os índios criam suas próprias coisas que eles precisam. Os artesanatos dos índios são criados por eles mesmos que fazem seus próprios projetos lutando para poder ser alguém.

IRANY





“Vejam só meus parentes que, apesar de toda pressão de forçar-nos aprender uma nova educação, nunca deixamos a nossa tradição, tradição que corre nas veias do nosso coração.”

Swyrany



Nasci aqui na aldeia Tawá. Tenho 18 anos, fui escolhido pela comunidade para ser o professor de cultura indígena. Aqui eu sou muito feliz. Acho que a tradição e os costumes estão fracos. Por isso, como professor de cultura vou fazer o que eu puder para resgatar e fortalecer nossa cultura. Como professor tenho muita dificuldade porque não tenho um material adequado para trabalhar a especificidade da nossa cultura. Faço o que posso, mas, sinceramente, espero mais dos governantes, porque a nossa educação não é brincadeira como muitos pensam, temos direitos e deveres como qualquer cidadão brasileiro. Eu tenho total certeza que este trabalho que estamos realizando, o livro "Índio na Visão dos Índios", vai nos ajudar muito, porque muitas pessoas terão acesso ao nosso trabalho, e verão que nós índios somos capazes como qualquer outra pessoa.

Eduardo lendo:
**ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS:
PATAXO-HÃHÃHÃE**
Aldeia Tawá



ALDEIA TAWÁ

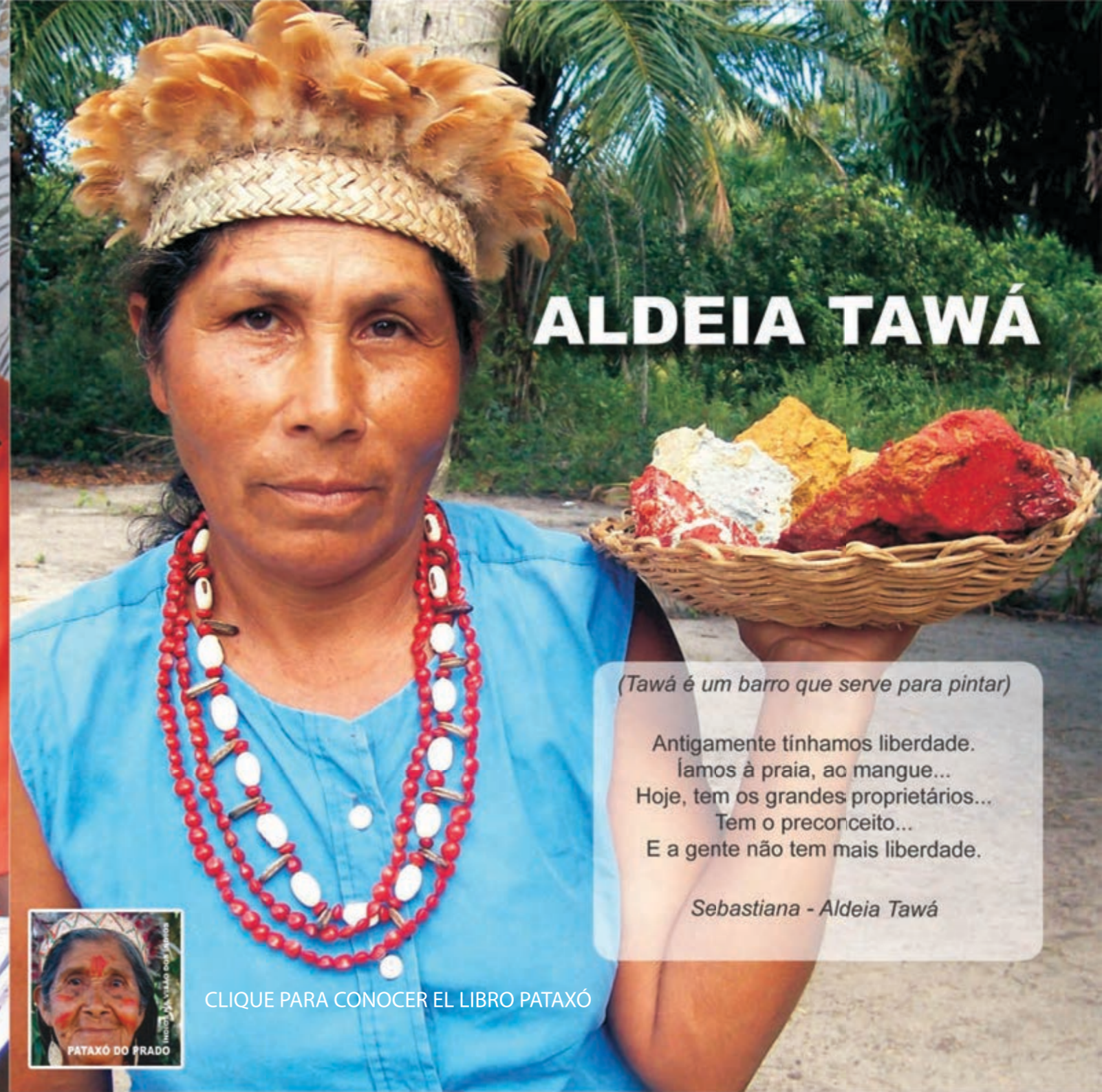
(Tawá é um barro que serve para pintar)

Antigamente tínhamos liberdade.
Íamos à praia, ao mangue...
Hoje, tem os grandes proprietários...
Tem o preconceito...
E a gente não tem mais liberdade.

Sebastiana - Aldeia Tawá



[CLIQUE PARA CONOCER EL LIBRO PATAXÓ](#)



Todos los libros que usaran la práctica "Índios na visão dos Índios" están disponibles para download gratuito en:

www.thydewa.org/downloads

Esta práctica recibió importantes reconocimientos

En 2001, el apoyo institucional de la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO).

En 2004, el Premio "Rodrigo Melo Franco de Andrade", del Instituto de Patrimonio Histórico y Artístico (IPHAN) Nacional, del Ministerio de Cultura del Brasil.

En 2008, el Premio "Somos Patrimonio" del Convenio Andrés Bello (CAV).

En 2016, el Premio "Boas práticas de Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial", del Instituto de Patrimonio Histórico y Artístico Nacional (IPHAN), del Ministerio de Cultura del Brasil

Contacto con la ONG Thydêwá
Presidente: Sebastian Gerlic
Teléfono (5573) 32691970
WhatsApp (5573) 988342226



THYDÊWÁ



ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

